

OS ESTUDOS SOBRE A ANTIGUIDADE TARDIA NO BRASIL: ENTREVISTA COM MARGARIDA MARIA DE CARVALHO¹



Entrevista realizada pela plataforma Google Meet, no dia 09 de novembro de 2021²

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=AjkV-JMohYs&feature=youtu.be>

Revista Heródoto (Prof. Glaydson José da Silva): Olá a todas e todos. Meu nome é Glaydson José da Silva, sou Professor de História Antiga do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (DH-EPCH-Unifesp) e um dos editores da *Revista Heródoto*. No dia de hoje, nós recebemos para entrevista a Professora Margarida Maria de Carvalho, organizadora do dossiê sobre a Antiguidade Tardia do segundo número da revista do ano de 2021, área na qual ela é uma das maiores especialistas do Brasil.

Margarida Maria de Carvalho é Professora de História Antiga do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp),

¹ Professora Doutora - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, Brasil. E-mail: margarida.carvalho@unesp.br.

² A equipe de alunos responsável pela transcrição e revisão desta entrevista foi composta por Celso Ranucci Junior, Jonathan de Andrade, Letícia Vieira Muniz Ferreira, Manuela Simões Lima dos Santos, Marina Leone Santana, Sabrina Pinheiro Freitas Madeiras e Sabrina Sayuri Yasuda. Os trabalhos de transcrição e revisão da entrevista foram coordenados pelo professor Gilberto da Silva Francisco.

campus Franca. Ela possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado e doutorado em História pela Universidade de São Paulo (USP), com estágios pós-doutorais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na *Universidad de Barcelonae* na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris. Fez estágios de pesquisa na *Oxford University* e na *Università Degli Studi di Perugia*. Ela atua, ainda, nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Alfenas no Brasil e na área de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq-2.

É uma grande satisfação e uma grande honra recebê-la para esta entrevista. Gostaria de agradecê-la muitíssimo em nome da *Revista Heródoto*. Pessoalmente, também é uma grande satisfação, porque fui orientado pela Professora Margarida na minha Iniciação Científica nos idos de 1993 a 1996. Essa entrevista também se reveste de uma dupla satisfação, por ter uma especialista em um tema tão importante que será abordado na entrevista de hoje e, também, por ter uma amiga e colega a quem tenho o grande prazer de entrevistar. Então, seja bem-vinda, Margarida.

Profa. Margarida Maria de Carvalho: Glaydson, muito obrigada por esse convite maravilhoso. É uma imensa satisfação estar aqui com você. Você, que foi meu aluno, já na graduação, meu orientando de iniciação científica. É interessante notar, assim, que fizemos nossos primeiros pós-doutorados juntos, na Unicamp, sob a supervisão do Professor Pedro Paulo Abreu Funari. É uma satisfação imensa estar aqui. Muito obrigada pelo convite para a organização do dossiê da *Revista Heródoto*. Eu estou muito feliz.

Revista Heródoto: Eu gostaria de começar essa entrevista por uma pergunta simples: como você escolheu a área de Antiguidade Tardia para a sua especialização e como você começou a se dedicar a ela?

Profa. Carvalho: Antes de escolher me especializar em História Antiga e depois Antiguidade Tardia, percorri um caminho longo dentro do curso de História. Na verdade, entrei para o curso de História na graduação em 1984, na UFRJ. Eu tinha a intenção de atuar no campo das Relações Diplomáticas, mas, naquela época, não havia o curso de Relações Internacionais. O campo da diplomacia era composto por pessoas de áreas diversas, e eu me lembro que, na época do pré-vestibular, eu conversei com o professor de História, que depois seria meu professor na UFRJ. Eu perguntei a ele: “Eu quero muito atuar na diplomacia. Você

acha que, se eu fizer História, eu teria condições me tornar uma diplomata?"; e ele me disse: "totais condições!".

Eu entrei no curso de História da UFRJ no período de abertura política da Nova República no Brasil; então, novas leituras historiográficas estavam sendo feitas, e o currículo do curso de História da UFRJ passava a ser muito dinâmico, como é até hoje: o próprio aluno monta sua grade curricular, escolhe as disciplinas; e comecei pelas disciplinas da área de Contemporânea. Eu fiz História do Mundo Contemporâneo, da América Latina no contexto contemporâneo.

Eu fiz minha graduação em cinco anos. Foi, no terceiro ano, que fui fazer História Antiga (as disciplinas de História Antiga): História Antiga I (Grécia) e História Antiga II (Roma). Foi quando eu me apaixonei realmente pela História Antiga. Entretanto, no ano de 1986, fui monitora da disciplina de Brasil Colônia e, ao mesmo tempo, comecei a me dedicar às disciplinas de História Antiga. Quando veio 1987, eu me tornei monitora de História de Roma Antiga e, ao mesmo tempo, tinha passado em primeiro lugar para trabalhar como estagiária em História da Saúde Pública na Casa de Oswaldo Cruz, na Fundação Instituto Oswaldo Cruz.

Ou seja, percorri um longo caminho por diversas áreas, mas o que me levou a escolher a área de Antiguidade Tardia foi a minha grande atração por História Antiga e História Medieval. Naquela época, eu achei que seria interessante trabalhar um período que era caracterizado como um período de transição. Eu entrei para o grupo de Estudos de Antiguidade Tardia do antigo setor de História Antiga e Medieval da UFRJ- foi o primeiro grupo do Brasil que se chamava "Antiguidade Tardia do Terceiro ao Sétimo Século depois de Cristo". Foi, então, que comecei a me dedicar aos estudos de Antiguidade Tardia, e escolhi trabalhar especificamente com a documentação referente ao Imperador Juliano.

Penso que foram vários motivos que me levaram a escolher a Antiguidade Tardia. O contexto político da época (nós estávamos em um período de transição, saindo da ditadura para uma nova abertura, aquilo significava uma transição) e o fato de eu ter percorrido todo esse caminho, de fazer as disciplinas de História Contemporânea, monitoria de Brasil Colônia, estágio na Fiocruz em História da Saúde Pública, monitoria de Antiga II, eu não tive dúvidas de que eu queria fazer História Antiga e que Antiguidade Tardia ia suprir muito o meu desejo.

Então, quando eu comecei a fazer as disciplinas de História Antiga, acabei desistindo da Diplomacia e não me arrependo de jeito nenhum.

Apesar das dificuldades da nossa carreira como historiador, eu me sinto muito realizada. Muito realizada nessa área de pesquisa. Gosto muito de orientar e de lecionar. A gente sabe que é uma carreira difícil. A vida acadêmica é complicada, mas eu não me arrependo de jeito nenhum de ter seguido esse caminho.

Revista Heródoto: Você é uma profissional extremamente ativa na área de História Antiga no Brasil. Eu pergunto quais são os desafios da pesquisa na área de Antiguidade Tardia no Brasil?

Profa. Carvalho: É difícil dedicar-se à História Antiga no Brasil, embora a área tenha melhorado muito. Atualmente, estamos assistindo a uma produção crescente na área de História da Grécia, de Roma e da História Antiga Oriental. Tudo cresceu muito no Brasil em relação a História Antiga. Há muitos grupos de História Antiga, o Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA) da ANPUH, que fundamos em 2001, com os professores Gilvan Ventura da Silva, Fábio Faversoni, Ana Teresa, Marcos Gonçalves. Nós botamos o bloco do GTHA na rua! Há também a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), atuando há muitos anos.

Então, tudo cresceu muito, mas ainda há desafios. Por exemplo, no caso específico de Antiguidade Tardia, é impossível um aluno fazer uma pesquisa nessa área se ele não conhece línguas estrangeiras. Felizmente, a produção de Antiguidade Tardia já cresceu. Mas ela ainda é tímida se nós a compararmos com a produção existente no Brasil sobre o Principado Romano, por exemplo. Assim, temos que nos deparar o tempo inteiro com uma historiografia estrangeira, além da necessidade de estudar grego e latim e outras línguas antigas.

O interessado na Antiguidade Tardia ainda se depara com alguns desafios como vencer a ideia de queda ou decadência do Império Romano. O aluno que entra no primeiro ano do curso de História, infelizmente, ainda traz essas ideias. Ele não tem noção do que é Antiguidade Tardia. Então, eu acho que esses são os nossos desafios principais.

Ainda há uma produção tímida. Eu acho que nós precisamos criar mais coletâneas, mais livros autorais, mais dossiês sobre Antiguidade Tardia, para que essa área seja mais divulgada no nosso país. O crescimento da História Antiga no Brasil é muito grande, em comparação com a Europa, por exemplo, onde ele praticamente estagnou. Nos Estados Unidos, há colegas que também notam isso, assim como na Austrália. Aqui, no

Brasil, nós somos favorecidos por isso – a História Antiga está ainda crescendo.

O que impressiona muito os colegas estrangeiros, eu acho, é que o Brasil, dentro da América Latina, pode se tornar um expoente na produção de História Antiga, de maneira geral, e na área de Antiguidade Tardia, especificamente. Portanto, são esses desafios que a gente tem que vencer. Apesar das nossas dificuldades políticas, é preciso pensar em um esforço coletivo, pensar um pouco mais no coletivo, assim como quando a gente trabalha em um dossiê de Antiguidade Tardia ou uma coletânea de Antiguidade Tardia, como nós estamos elaborando agora, você, eu, a Professora Maria Aparecida de Oliveira Silva³. Ou seja, esse é outro desafio que nós temos que enfrentar: favorecer o coletivo.

Revista Heródoto: Grande parte da tradição textual do mundo grego e romano está disponível em formato bilíngue e em espaço virtual: em latim e em inglês, em latim e em francês, em latim e em português, em latim e em espanhol e, do mesmo modo, com o grego. Há uma multiplicidade de bases de dados, como o *Corpus Vasorum Antiquorum*, com um conjunto enorme de imagens de vasos gregos que é sistematicamente alimentado. Há, também, bases de inscrições latinas que são frequentemente atualizadas. Tudo isso contribui para que os interessados em estudar História Antiga no Brasil, hoje, tenham o acesso mais facilitado às fontes, ainda que seja necessário que eles conheçam línguas antigas e modernas. O que você pensa a esse respeito?

Carvalho: É isso é fundamental. A minha geração fez mestrado e parte do doutorado sem *internet*. Era tudo muito mais difícil. A gente tinha que apelar para o COMUT das universidades em que a gente trabalhava para conseguir textos.

Além disso, minha geração começou a atuar como docente nas universidades desde muito cedo como auxiliares de ensino e a carreira, depois, mudou muito. Então, era tudo muito mais difícil. Hoje, a bibliografia, a documentação textual, a cultura material são muito mais acessíveis do que no final da década de 1980 e na década de 1990. Tudo melhorou muito, mas eu ainda acho que os esforços para desenvolver uma divulgação maior, em especial da área de Antiguidade Tardia, são necessários.

³ CARVALHO, Margarida Maria de; SILVA, Glaydson José da; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *A ideia de História na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Editora CRV, 2021.

Eu falo de esforços coletivos- criarmos coletâneas, livros autorais, dossiês como este da Revista Heródoto. Essas oportunidades são muito importantes. Além disso, considero importante também a preocupação, como a da Revista Heródoto, em apresentar textos com suas traduções, versões de textos em português para o inglês e outras línguas estrangeiras. Isso ajuda ainda mais a divulgar a área de História Antiga como um todo.

Revista Heródoto: Você poderia nos falar um pouco sobre os projetos que desenvolveu e que vem desenvolvendo na área de Antiguidade Tardia?

Profa. Carvalho: Desde a época da minha graduação, eu estudo imperador Juliano. O que pode parecer estranho para alguns colegas do Brasil; para os colegas do exterior, essa especialização é muito positiva, porque esse é um tema muito vasto. Muitos autores falam de Juliano, autores cristãos e não cristãos. Há, também, uma vasta cultura material associada a Juliano - numismática, epigrafia, legislação...

Eu fiz meu trabalho de conclusão de curso em torno da documentação textual relacionada ao imperador Juliano -fui bolsista de iniciação científica do CNPq. Depois, fiz o mestrado e o doutorado na USP, também trabalhando com o imperador Juliano. No mestrado, trabalhei a legislação do Imperador Juliano a favor das cúrias e dos decuriões - uma pesquisa que eu ainda penso em retomar algumas partes e publicar, já que ainda é um trabalho inédito no Brasil e no exterior. No doutoramento, estudei as inventivas de Gregório de Nazianzo contra o Imperador Juliano. E continuei a pesquisar temas em torno do Imperador Juliano nos meus pós-doutorados.

Nessa área, também, fui convidada para fazer na França uma *Habilitation à Diriger des Recherches* (HDR), sob a supervisão do professor Jean-Michel Carrié, da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS). Infelizmente, apesar do projeto belíssimo, foi impossível, com a carga de trabalho que nós temos aqui no Brasil (orientando alunos, dando aulas na graduação e na pós-graduação, escrevendo artigos, organizando coletâneas, eventos, viajando), que eu me dedicasse a uma tese dessa envergadura. Porém, de todo modo, foi um grande orgulho pra mim ter recebido esse convite, o que considero um reconhecimento do trabalho que desenvolvo ao longo de muitos anos.

Além dos meus projetos pessoais, orientei mais de cinquenta trabalhos de conclusão de curso, de iniciações científicas, várias delas financiadas pela

FAPESP. Sempre foi difícil obter bolsas da FAPESP, e hoje em dia está mais difícil ainda. Contudo, dos alunos que orientei na iniciação científica, sete ou oito obtiveram bolsas da FAPESP, duas do PIBIC e do CNPQ; além dos mestrados e doutorados.

Sobre os temas, orientei pesquisas relacionadas a diversas áreas da Antiguidade, exceto temas relacionados à Antiguidade Oriental (Egito e Mesopotâmia). E, é claro, várias pesquisas em Antiguidade Tardia, tanto em Trabalhos de Conclusão de Curso, como pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Pesquisas na área de Antiguidade Tardia, mas, também, do Principado Romano e de usos do passado, que considero muito interessantes.

Foi um enorme prazer orientar todos esses trabalhos e contribuir com o impulsionamento da História Antiga, em especial a área de Antiguidade Tardia. Atualmente, oriento quatro mestrandas em Antiguidade Tardia, um em República Romana e orientei uma pesquisa de mestrado sobre Grécia antiga; e, em breve, vou formar uma doutora em história da Grécia antiga. Como eu sou a única doutora em História Antiga da UNESP/Franca, tive que ter essa versatilidade na orientação. Ou seja, foram muitos trabalhos.

Revista Heródoto: Por longo tempo, a Universidade de São Paulo era o principal centro formador de historiadores da Antiguidade no Brasil. Dividia isso com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual de Campinas. Sua atuação como formadora indica como, atualmente, há uma capilaridade maior integrando a UNESP de Franca como um importante centro de formação e outros centros onde atuam seus ex-alunos.

Profa. Carvalho: Eu fico feliz com esse reconhecimento. Sinto-me muito honrada. Bem, isso só se consolidou à custa de muito trabalho, de muito sacrifício. Você, que está há anos na universidade, sabe o quão difícil é formar alunos, publicar livros... São muitos anos de dedicação. Em 04 de Abril de 2022, vou completar trinta e dois anos de UNESP. É muito tempo, muito mesmo. Minha atuação teve que ser multifacetada, já que, como disse, sou a única doutora em História Antiga da UNESP de Franca. Tive que orientar em vários temas, observar vários tipos de documentações textuais, e me atrevi a orientar no campo da Arqueologia Clássica.

Eu sou uma pessoa muito curiosa, gosto muito de estudar, de pesquisar. É isso que me move. Então, eu tenho em mente em fazer uma

especialização na área de Numismática. Atualmente, na UNESP de Franca, temos o Laboratório de Arqueologia criado por uma pós-doutoranda financiada pela FAPESP que supervisiono, a professora Viviana Lo Monaco. Ela é arqueóloga formada pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP). Participar desse laboratório acendeu ainda mais o meu interesse por essa área, e estou sempre trocando ideias com os colegas especialistas nesses temas.

Nessa trajetória, também tive quem me inspirasse, professores muito importantes na minha vida, por exemplo, o professor Norberto Luiz Guarinello, que foi meu orientador no doutorado, e o professor Pedro Paulo Funari, que foi meu primeiro supervisor de pós-doutorado. Ambos formaram muitos pesquisadores que, hoje em dia, estão espalhados por todo o Brasil. Além disso, fui inspirada pelo trabalho de antigas professoras, tais como Maria Beatriz Florenzano e Haiganuch Sarian. Eu os considero exemplos maravilhosos.

Revista Heródoto: É perceptível nos seus interesses a preocupação com a sua inserção internacional e de seus orientandos. Você poderia comentar algo a esse respeito?

Profa. Carvalho: Eu considero essa questão como fundamental. Apesar de, atualmente, termos acesso à bibliografia na *internet*, o que proporciona condições muito melhores do que a minha geração teve, é fundamental a experiência de pesquisa no exterior, fazermos pós-doutorados e especializações. Considero importante lidar com outra cultura, com outro tipo de supervisão e de bibliotecas. Apesar da *internet* ser muito importante e fornecer muito material, não é a mesma coisa de pesquisar em bibliotecas especializadas e dialogar com outros profissionais, isso é fundamental.

Eu acho que o antiquista deve estar aberto ao estudo de línguas estrangeiras, sem preconceitos. Há muitos colegas nossos dispostos a receber nossos alunos na Europa – na França, no Reino Unido, na Itália, na Espanha, em Portugal –, e nos Estados Unidos e até mesmo na Austrália. Eu acho que esse diálogo é muito importante, ele amplia os horizontes do pesquisador.

Eu lamento muito que alguns pesquisadores brasileiros que tiveram oportunidade de ir ao exterior, não foram. Sendo assim, perderam uma grande oportunidade, porque dialogar em outra língua é um desafio, o que é sensacional. Lidar com essas prateleiras de bibliotecas especializadas como a Sackler, em Oxford, é algo sensacional; assim como

a biblioteca da Sorbonne ou as bibliotecas da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, da Universidad de Barcelona, seja qual for. Assim como é importante ter contato com colegas, outros colegas na América Latina, Argentina, Chile. É muito importante trocarmos essas ideias, é fundamental.

A maioria dos alunos que comigo se formou em mestrado ou em doutorado, tiveram experiências no exterior e em diversos países, tais como a Inglaterra, França, Espanha, Estados Unidos. Foi muito importante para eles, como foi muito importante para mim. É também uma forma de ampliar os contatos. Eu acho que nós temos que estar abertos para isso. A nossa maneira de fazer História Antiga não pode ser aceita somente no Brasil, tem que ser aceita mundialmente. Talvez seja um sonho meu, mas acho que é possível que isso seja concretizado.

É muito bacana que franceses, britânicos, espanhóis, portugueses, norteamericanos valorizem a nossa forma de História Antiga; assim, acho que é fundamental estabelecer tais contatos. Eu tenho muito orgulho dos alunos que formei; dos doutorandos e mestrandos, quase todos foram para o exterior. Alguns não foram porque não quiseram, e não seguiram na área.

Outro desafio é a dificuldade na aquisição de bolsas de estudo atualmente. Os governos anteriores facilitavam muito esse caminho. É um desafio lutar pela manutenção dessas verbas públicas para os projetos em Ciências Humanas; ou seja, eu acho que não devemos nos preocupar somente com o desenvolvimento da História Antiga ou da área de Antiguidade tardia, já que elas dependem da política brasileira, e conseqüentemente do desenvolvimento das Ciências Humanas como um todo. Eu insisto que o esforço coletivo deve ser preponderante e, às vezes, fico muito triste em ver que muitas pessoas não pensam dessa forma.

Revista Heródoto: Por fim, você poderia comentar como foi a sua experiência na organização deste dossiê da *Revista Heródoto*?

Profa. Carvalho: Eu gosto muito de organizar dossiês. Este é o segundo dossiê de Antiguidade Tardia que organizo, além de outros diversos dossiês de História Antiga. O primeiro foi publicado na *Revista História da UNESP*, em 2016, para o qual eu também convidei colegas do Brasil e do exterior. E foi uma imensa satisfação organizar este da *Revista Heródoto*. Convidei colegas do Brasil especialistas na área e colegas da Espanha, da Argentina, de Portugal, da França. E considero esses contatos sempre

muito enriquecedores. São colegas queridos, que eu respeito muito, respeito muito suas produções.

Essa foi uma experiência muito boa, porque a maioria dos colegas que eu convidei aceitou o nosso convite porque querem impulsionar a área, querem divulgar o seu trabalho, e acharam sensacional publicar na *Revista Heródoto*, porque ela é a única revista que eu conheço, no Brasil, que se preocupa em fazer a tradução dos artigos pra línguas estrangeiras. Isso tem que ser ressaltado, e parabênizo a vocês por continuarem com esse trabalho maravilhoso, vencendo essas dificuldades.

É necessário notar que já existe uma rede, é isso o que eu quero dizer. É com muita satisfação que eu digo que eu tenho uma rede de colegas na área de Antiguidade Tardia no Brasil, na América Latina, na Europa, nos Estados Unidos. Eu tenho muito orgulho de dizer isso, porque tudo foi conquistado com muito trabalho, com muito sacrifício. É valorizar isso. Então, minha satisfação em montar o dossiê foi enorme, e contem comigo para futuros projetos. O veículo que vocês ofereceram foi primordial: uma revista específica de História Antiga com a preocupação em divulgar os trabalhos, em traduzir os textos.

Revista Heródoto: Bem, muitíssimo obrigado. Esta entrevista também se reveste por um caráter pessoal, que é a grande satisfação de reencontrar minha antiga orientadora, e minha atual colega e amiga.

Profa. Carvalho: Eu é que agradeço muito. E me coloco à disposição para colaborar com vocês, sempre! Agradeço e digo que o carinho e o respeito que vocês têm por mim é recíproco.